

MENINAS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA FAMILIAR: PROPOSTA DE PESQUISA EMPÍRICA

ELISA CORBETT

MIRIAM TACHIBANA

TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG

Resumo

Na presente comunicação, apresentamos um projeto de pesquisa, a ser desenvolvido no contexto de estudos pós-doutorais, cujo objetivo consiste em investigar a experiência emocional e o futuro imaginado por meninas adolescentes em situação de violência familiar, considerando que as perspectivas de futuro se relacionam estreitamente ao modo como a vida é experimentada. Pretendemos, assim, produzir conhecimento que possa subsidiar práticas interventivas e psicoprofiláticas mais adequadas a esta população, tendo em vista, simultaneamente, atender à adolescente que sofre e dificultar a transmissão geracional da violência. Metodologicamente, realizaremos atendimentos psicológicos individuais psicanaliticamente orientados a dez meninas adolescentes de famílias conflituosas, durante os quais entraremos em contato com suas histórias de vida e com seu imaginário sobre o futuro, abordado por meio do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. O material daí derivado será registrado sob a forma de narrativas transferenciais de encontros e narrativas ficcionais de histórias de vida, que se farão acompanhar dos desenhos-estórias. O conjunto de registros será considerado à luz do método psicanalítico, tendo em vista a produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional que sustentam a experiência emocional e o imaginário sobre o futuro das adolescentes. O processo será finalizado com a reflexão sobre os campos de sentido afetivo-emocional em interlocução com a literatura científica.

Palavras-chave: Psicanálise, Violência Familiar, Adolescente.

A violência familiar é uma problemática grave e complexa em todo o mundo, apresentando-se como temática de grande relevância social e científica. Por meio de uma revisão da literatura especializada (Corbett, 2014), foi observada, no debate científico atual, a existência de dois eixos: a violência contra a mulher e aquela exercida contra crianças e adolescentes. Tal recorte, embora compreensível e justificável por diversas razões, parece conformar um ponto cego no que se refere ao fato de que a violência

doméstica envolve a família toda, havendo inclusive a possibilidade de perceber certa mobilidade nos papéis de vítima e de agressor. Trata-se, portanto, de uma complexa problemática vincular, cuja compreensão permanece limitada quando estudada de modo dissociado, como se as agressões dirigidas às mulheres e às crianças e aos adolescentes constituíssem fenômenos distintos, que apenas ocasionalmente atingiriam a mesma família.

A maternidade em situação de violência e os efeitos dessas vivências nos filhos têm sido pouco discutidos na literatura científica relativa à violência doméstica contra a mulher (Corbett, 2014), não obstante essas vítimas serem, muito frequentemente, mães (Barros, Schraiber & França-Junior, 2011; Santos & Moré, 2011). Evidências do modo como a violência familiar atravessa a dimensão da maternidade pode ser encontrada, por exemplo, em estudos epidemiológicos que apontam, consistentemente, que mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo têm gestações não intencionais com maior frequência do que aquelas que não reportam sofrer este tipo de agressão em diversos países (Mostafa-Kamal, 2013; Pallitto et al., 2013; Stephenson, Jadhav & Hindin, 2013; Stöckl et al., 2012a; Stöckl et al., 2012b).

Apesar de predominarem investigações que operam de modo a dissociar a violência familiar contra a mulher da dirigida contra crianças e adolescentes, aquelas que as abordam de forma integrada tendem a convergir em termos de suas conclusões. A violência doméstica contra a mulher está associada a práticas educativas parentais inadequadas e agressivas (Gustafsson & Cox, 2012; Sani & Cunha, 2011), à má nutrição infantil (Sobkoviak et al., 2012; Yount et al., 2011; Ziaei et al., 2012) e ao comportamento infanto-juvenil disruptivo ou violento (Corbett, 2014; D'Affonseca & Williams, 2011; Durand, Schraiber, França-Junior & Barros, 2011; Spiller et al., 2012). Investigações como as de Corbett (2014), D'Affonseca e Williams (2011), Durand et al. (2011) e Spiller et al. (2012) apontam que a violência contra a mulher atinge seus filhos de modo direto e indireto, vale dizer, por meio da exposição às agressões como vítimas e/ou testemunhas e pela diminuição das condições maternas de cuidá-los.

Outra tendência que chama a atenção, na literatura especializada, é a de levar em conta o sexo da vítima apenas quando são encontradas disparidades significativas nos resultados (Martins et al., 2007; Nunes, Sarti & Ohara, 2009; Oliveira et al., 2011; Roque & Ferriani, 2007; Silva, Taquette & Hasselmann, 2014). Deste modo, salienta-se o fato de crianças e adolescentes serem pessoas que estão atravessando períodos de amadurecimento físico e emocional, que dependem de cuidadores inclusive para o

exercício da cidadania. Entretanto, permanecem veladas ou em segundo plano as diferenças nos modos como os meninos e as meninas experimentam a violência familiar, apesar de se tratar de temática reconhecidamente vinculada às relações de gênero.

De fato, Serpa (2010), que investigou os papéis masculinos e femininos expressos por mães de meninas vítimas de violência intrafamiliar e observou que as concepções machistas ensinadas pela mãe, a constante associação da figura masculina como violenta e o não reconhecimento das mães sobre suas capacidades são fatores relevantes para a manutenção da violência, conclui que a consideração das experiências de meninas e meninos em separado pode contribuir para iluminar situações de violência familiar.

Agressões familiares a meninas adolescentes também são estudadas em pesquisas que focalizam a violência contra a mulher, sobretudo naquelas que se debruçam sobre sua prevalência e fatores associados. Tais investigações incluem participantes a partir de quinze anos de idade, faixa etária que corresponde à adolescência, usualmente abordando a violência cometida por parceiro íntimo e assumindo as adolescentes como “mulheres em idade reprodutiva” semelhantes àquelas socialmente consideradas adultas (Abadi, Ghazinour, Nojomi & Richter, 2012; Alio et al., 2011; Deslandes, Gomes & Silva, 2000; Durand et al., 2011; Koski, Stephenson & Koenig, 2011; Stephenson et al. 2013; Ziaei, Naved & Ekström, 2012). A compreensão, assim, é a de que tais adolescentes seriam semelhantes àquelas socialmente consideradas adultas. Contudo, se, do ponto de vista da saúde pública, essa semelhança pode sustentar-se, na experiência concreta da adolescente ou da jovem em situação de violência podem ser encontradas especificidades significativas relacionadas ao fato de serem socialmente reconhecidas como vivendo um momento de transição entre a infância e a idade adulta (Brown et al., 2011).

Uma questão especialmente preocupante é a transgeracionalidade da violência doméstica, que pode ser observada tanto na similaridade dos modos de vinculação das famílias em foco com suas famílias de origem quanto pela reprodução da violência por parte das crianças e dos adolescentes, que podem chegar a assumir o lugar de autores de agressões dirigidas à mãe (Corbett, 2014; Santos & Moré, 2011). Apesar da relevância da questão, que amplia a complexidade da problemática e aponta para a sua reprodução nas gerações futuras, poucos são os estudos que se dedicam a examiná-la (Santos & Moré, 2011; Serpa, 2010). O silêncio dos pesquisadores parece ser ainda maior quando o foco é o adolescente do sexo masculino, como atestam revisões sistemáticas da literatura (Corbett, 2014).

Deste modo, objetivamos, no estudo proposto, investigar a experiência emocional e o imaginário sobre o próprio futuro de meninas adolescentes de famílias conflituosas, considerando que as perspectivas em relação ao futuro se relacionam estreitamente ao modo como a vida é experimentada. Pretendemos, assim, produzir conhecimento que possa subsidiar práticas de atenção às adolescentes em situação de violência familiar mais adequadas ao modo como experimentam a vida e imaginam o seu futuro, bem como ampliar o debate científico contemporâneo sobre a violência familiar. Cabe ressaltar que o atendimento destas adolescentes tanto é relevante em si mesmo, em função dos sofrimentos que estão sendo vivenciados no presente, como do ponto de vista psicoprofilático (Bleger, 1984). Afinal, estão às vésperas de iniciarem parcerias amorosas e conjugais e de ocupar as posições atualmente ocupadas pelas figuras maternas, de modo que estas intervenções podem ter um potencial mutativo importante que transcende a individualidade da adolescente atendida. Neste sentido, pode-se aventar a possibilidade de intervenção sobre a dimensão da transmissão geracional da violência familiar a partir de um tipo de atendimento que tivesse em mira não apenas a jovem, aqui e agora, mas a jovem como mãe em poucos anos.

O primeiro desafio que este projeto de pesquisa se propõe a superar se refere à possibilidade de produzir conhecimento científico sobre as experiências de adolescentes em situação de violência familiar e seu impacto no futuro imaginado por elas de modo contextualizado, vale dizer, concreto (Bleger, 1963/1989; Politzer, 1928/1998). Para tanto, desenvolveremos a investigação a partir da ótica da psicanálise relacional (Greenberg & Mitchell, 1994; Jones, 1996; Mitchell, 1988, 1993). Tal articulação entre duas perspectivas que se desenvolveram de modo independente, uma no eixo Europa-América Latina e outra nos Estados Unidos, se assenta sobre a percepção de importantes convergências entre elas, no que se refere, principalmente, ao reconhecimento das relações interpessoais como fundamentos da construção e da compreensão do psiquismo humano e à postura crítica em relação à metapsicologia freudiana (Lieberman, 2014). Ancoradas nesses pressupostos, fazemos uso do método psicanalítico na abordagem de manifestações de pessoas concretas que habitam ambientes inter-humanos configurados como verdadeiros mundos vivenciais. Tais mundos são forjados nas relações com os outros e com os produtos da atividade humana que, por sua vez, acontecem em contextos sociais, históricos, culturais e geopolíticos. Nesta perspectiva, o método psicanalítico se inscreve entre os métodos qualitativos de pesquisa, definidos pela

abordagem interpretativa, sempre contextualizada, de questões relativas a ações e experiências humanas (Banister et al, 2006).

Assim, quando nos referimos tanto à experiência emocional quanto ao imaginário, temos em mente as formas como pessoas e grupos vivenciam determinadas situações com que se deparam. Temos reservado a denominação “experiência emocional” para uso no contexto de investigações que correspondem a um detalhamento da dramática vivenciada por indivíduos e coletivos. Já o estudo sobre o imaginário incide diretamente sobre atos imaginativos, que certamente se articulam profundamente com a experiência, tanto guiando-a como dela derivando. Por exemplo, a forma como uma adolescente experimenta sofrer uma agressão do namorado relaciona-se estreitamente a como imagina as relações amorosas e conjugais, a violência e o que o futuro lhe reserva. Tais imaginários sobre os vínculos amorosos, sobre a violência e sobre o futuro, por sua vez, são derivados das suas experiências emocionais, da forma como pode experimentar a vida e o mundo em sua concretude.

Definimos, assim, experiência emocional como modos de habitar dramática e concretamente campos de sentido afetivo-emocional, concebidos como ambientes inter-humanos povoados de forma transitória ou duradoura por indivíduos e grupos. Já o imaginário consiste num recorte da experiência, realizado pelo pesquisador com vistas a estudar fenômenos humanos, sempre complexos e multifacetados. Para tanto, alinhadas ao pensamento blegeriano, compreendemos que a experiência é uma dimensão da conduta, é a forma como a conduta é vivenciada enquanto acontecer humano afetivo-emocional (Bleger, 1963/1989). Trata-se, portanto, da conduta vista a partir da psicologia dos afetos e das emoções. Tal perspectiva faz justiça a uma leitura dialética das contribuições psicanalíticas, modificando radicalmente o conceito de inconsciente e mantendo-se fiel ao fundamento da psicanálise, que é o acontecer clínico (Poltzer, 1928/1998).

Deste modo, subscrevemos uma visão do inconsciente como campos de sentido afetivo-emocional, cujo caráter é inescapavelmente relacional, vincular. Tais campos, que são produzidos pelas interações entre os seres humanos em diversos âmbitos coletivos, desde aquelas que se dão no face à face até outras, mais amplas, institucionais e macrossociais, configuram-se, portanto, como verdadeiros ambientes inter-humanos, onde a dramática do viver acontece. Parafraseando Winnicott (1971), correspondem a “lugares” em que vivemos. Tal posição é sustentada por uma série de estudos que, em

seu conjunto, indicam o poder heurístico do conceito de campo de sentido afetivo-emocional na pesquisa qualitativa psicanalítica (Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010; Corbett, 2009, 2014; Corbett, Ambrosio, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg (no prelo); Gallo-Belluzzo, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2014; Granato & Aiello-Vaisberg, 2013; Ribeiro, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008, entre outros).

Em experiência prévia, atendendo adolescentes de famílias conflituosas na mesma instituição em que se desenvolverá o estudo proposto, notamos que, diferentemente, por exemplo, das mulheres que ali procuram ajuda, os adolescentes habitualmente não tecem longas narrativas sobre suas histórias de vida e as violências sofridas à psicóloga. Parecem aproximar-se da profissional com cautela, experimentando se podem confiar nela. Os modos como se expressam também são normalmente distintos dos de suas mães. Às vezes, contam resumidamente situações difíceis que enfrentaram. Outras, não dizem nada, mas trazem uma gravação, feita no celular, das agressões ocorridas na casa. Há momentos em que usam o encontro terapêutico como espaço de descanso da violência, envolvendo-se num jogo ou brincadeira com a terapeuta e não mencionando o que vivem durante vários encontros.

A partir destas observações, optamos pelo uso de um **procedimento investigativo de configuração das entrevistas** que assegure, tanto quanto possível, que pesquisadora e participante possam ter, juntas, o espaço e o tempo necessários para que a investigação seja desenvolvida respeitando maximamente a delicadeza das situações que enfrentam e de seu sofrimento. Deste modo, as entrevistas ao redor das quais se organizará esta investigação serão configuradas a partir de atendimentos individuais psicanaliticamente orientados a dez meninas adolescentes, encaminhadas para atendimento psicológico por testemunharem situações de violência entre os pais, por terem cometido ou por terem sofrido agressões. Tais atendimentos serão realizados em uma organização não governamental dedicada à atenção interdisciplinar a famílias em situação de violência doméstica. A duração e o número de encontros realizados com cada participante serão definidos de acordo com as necessidades clínicas, tendo em vista, simultaneamente, oferecer amplo espaço para suas comunicações, permitindo que a pesquisadora possa conhecê-las, aproximando-se de suas experiências e proporcionando condições que favoreçam o seu benefício.

No contexto das entrevistas, em momento oportuno, do ponto de vista clínico, faremos uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), solicitando que desenhem uma adolescente dos dias de hoje e, posteriormente, contem

uma história sobre a figura desenhada. Finalmente, pediremos que contem uma história sobre essa adolescente no futuro. Uma vez que muitos dos jovens com quem temos trabalhado apresentam dificuldades bastante significativas de escrita, nos encarregaremos de anotar a história imaginada pela participante. Optamos pelo uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema por tratar-se de um procedimento favorecedor da sustentação emocional no encontro com o participante, como observado em estudos anteriores (Antunes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007; Tachibana, Ayouch, Beaune & Aiello-Vaisberg, 2012), consistindo em escolha metodológica alinhada à própria percepção da delicadeza das situações que essas adolescentes vivem e do seu sofrimento.

Tendo em vista a manutenção do rigor científico, faremos uso de duas diferentes modalidades de registro, que se articulam para compor um **procedimento investigativo de registro das entrevistas** acorde às exigências do método psicanalítico: narrativas transferenciais de entrevistas e narrativas transferenciais ficcionais de histórias de vida.

As narrativas transferenciais de entrevistas serão confeccionadas imediatamente após cada atendimento, à guisa de anotações clínicas preliminares sobre o que ocorreu na entrevista e sobre as ressonâncias contratransferenciais geradas (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Aiello-Vaisberg, Machado & Ambrosio, 2003; Aiello-Vaisberg et al, 2009). Finalizado o período do estudo dedicado aos atendimentos, aprimoraremos nossos registros, partindo para a elaboração de narrativas transferenciais ficcionais, que não versarão sobre cada entrevista em particular, e sim sobre as histórias de vida dos participantes.

O uso de narrativas transferenciais tem como objetivo comunicar o vivido nas entrevistas, fazendo sentido num contexto epistemológico em que a personalidade do pesquisador é compreendida como via de acesso para a produção de conhecimento sobre a dramática da experiência humana (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). Na elaboração dessas narrativas, fazemos uso da associação livre e da atenção flutuante para contar as lembranças dos encontros com os participantes, mesclando as sensações contratransferenciais experimentadas. Deste modo, ao registrar nossas memórias, associamos livremente a partir delas e detemo-nos mais, por exemplo, em um ou outro momento da entrevista, em uma ou outra comunicação, em uma ou outra sensação, a partir da atenção flutuante. Tais narrativas assemelham-se, assim, àquelas em que o sonhador conta um sonho que teve, combinando o relato de cenas e acontecimentos com

os seus sentimentos. Por meio delas, objetivamos apresentar o acontecer vivido, favorecendo o surgimento de novos movimentos e associações tanto por parte da pesquisadora e dos membros do grupo de pesquisa, quando vierem a encontrá-las como texto a ser interpretado psicanaliticamente, como dos interlocutores, quando da comunicação dos achados da pesquisa.

A criação de narrativas transferenciais ficcionais resolve, a nosso ver, dois tipos de questões. De um lado, o próprio processo de tornar fictício favorece o aprofundamento da compreensão da dramática de vida, ao convidar o pesquisador a associação ainda mais livremente, usando os impactos contra-transferenciais de modo “quase-brincante”. De outro, serve a propósitos de proteção do participante, na medida em que a alteração de dados identificatórios, bem como de circunstâncias de espaço e de tempo, com preservação da dramática vivida, dificulta ou até mesmo impede tanto autoidentificação como identificação por terceiro.

Esta iniciativa no sentido de apresentar casos sob forma ficcional está respaldada em indicações de Ambrosio, Cia e Aiello-Vaisberg (2010), Caligor, Kernberg e Clarkin (2008), Corbett (2014) e Sirota (2003). Estes autores recomendam a “invenção” de histórias análogas às reais, do ponto de vista afetivo-emocional, mas suficientemente alteradas para responder ao desafio de reduzir as possibilidades de exposição da intimidade dos participantes. Tal precaução vem se tornando cada vez mais importante em tempos de disponibilização das publicações científicas na *web*, muitas vezes rapidamente localizadas por meio de busca a partir do nome do pesquisador. Evidentemente, ser identificado por terceiros pode causar constrangimentos, embaraços e gerar prejuízos efetivos. Por outro lado, o cuidado para que não haja fácil autoidentificação é tomado porque sabemos que se defrontar com considerações interpretativas sobre si mesmo, fora de um contexto de tratamento, pode gerar sofrimento emocional.

O processo de consideração psicanalítica foi apresentado de forma bastante esclarecedora por Herrmann (2001/2004), que diferencia os estados a que o analista devotaria sua atenção quando realiza a escuta do paciente. No primeiro, denominado *deixar que surja*, “uma parte do analista deve ser doada irrestritamente à espera (...) aguardando que algum broto de sentido comece a surgir” (p. 72). O segundo estado é chamado “...*tomar em consideração*, pois é a faculdade que considera o conjunto da análise ou de algum segmento, embora ainda que de forma completamente aberta para o que possa surgir. E, quando surge, impede que desapareça” (p. 73). Já o movimento que

atribui um novo sentido ao que diz o paciente, Herrmann (1979/1991) denomina *completar o desenho*. Temos nos referido a este movimento como produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, acreditando que esta definição confere maior precisão conceitual.

Assim, a seguir, cumprimos nossos **procedimentos investigativos de interpretação das dramáticas do viver** que se expressam nas narrativas transferenciais ficcionais em duas etapas.

Na primeira etapa interpretativa, entramos em contato com o conjunto do material relativo a cada um dos adolescentes em estado de atenção equiflutuante, registrando nossas associações por escrito. A seguir, tomamos em consideração os registros, juntamente com nossas anotações a seu respeito, criando/encontrando campos de sentido-afetivo emocional relativos às experiências emocionais e ao imaginário sobre o próprio futuro de cada participante.

Numa segunda etapa da interpretação psicanalítica, tomaremos em consideração o conjunto de campos de sentido afetivo-emocional produzido, aproximando aqueles mais semelhantes do ponto de vista de sua regra lógico-emocional fundamental. Neste processo, entraremos em contato com o conjunto dos registros diversas vezes, tendo em vista sustentar a produção de campos de sentido afetivo-emocional mais amplos, relativos às experiências das participantes como coletivo humano, a saber, as meninas adolescentes em situação de violência, mas respeitosos em relação às experiências de cada uma delas.

A nosso ver, a necessidade de interpretar em duas etapas se impõe à luz da perspectiva, aqui adotada, da psicologia concreta (Bleger, 1963/1989). Nossa experiência no desenvolvimento de estudos semelhantes indica que possivelmente resultarão, ao final da primeira etapa, uma certa quantidade de campos de sentido afetivo-emocional, interpretados a partir da história individual de cada participante, que muito provavelmente apresentarão certa semelhança entre si, sem coincidir totalmente. Tal ocorrência é esperada porque operamos, neste momento, na proximidade máxima da atenção clínica cada história individual, sempre absolutamente singular. Contudo, sabemos que a produção de conhecimento, que possa vir a beneficiar outras pessoas, exige um afastamento mínimo, tendo em vista permitir a apreensão de *tendências* que possam se repetir na experiência vivida e no futuro imaginado por estas adolescentes. Adotamos, portanto, visão compatível com aquela que prevalece no pensamento concreto de Bleger (1963/1989), na medida em que assume que não é infinita “a quantidade de formas nas

quais o ser humano, unitariamente considerado, pode responder ou agir” (Bleger, 1963/1989, p. 143). Em outros termos, tanto reconhecemos o caráter único, impossível de se repetir, de cada história individual, como consideramos a possibilidade do reconhecimento de padrões, certamente numerosos, mas não infinitos, de experiência emocional, de imaginário sobre o futuro e, conseqüentemente, de campos de sentido afetivo-emocional subjacentes.

Este estudo se completará pelo **procedimento investigativo de elaboração de interlocuções reflexivas**, correspondente à seção habitualmente intitulada discussão de resultados. Consiste em um processo de examinar ideias e teorias que possam iluminar os achados da pesquisa, vale dizer, os campos de sentido afetivo-emocional produzidos, a partir da interlocução com autores que se debruçam sobre questões análogas.

Cabe, a bem da clareza, destacar o fato deste procedimento investigativo se diferenciar dos três anteriores, durante os quais buscamos cultivar tanto a atenção flutuante como a associação livre, justamente por se caracterizar como um tipo diferente de trabalho intelectual. Isso não significa que pretendamos nos afastar da perspectiva dramática em direção a especulações abstratas e distanciadas do acontecer inter-humano, mas que este último procedimento investigativo envolve um distanciamento mínimo em relação ao acontecer vincular estudado que seja suficiente para a inclusão de reflexões e diálogos com outros autores.

Com o desenvolvimento do estudo descrito neste projeto, pretendemos produzir conhecimento que possa subsidiar práticas de atenção a adolescentes em situação de violência familiar mais adequadas ao modo como experimentam a vida e as perspectivas de futuro, bem como ampliar o debate científico contemporâneo sobre a violência familiar.

Referências Bibliográficas

- Abadi, M. N. L., Ghazinour, M., Nojomi, M., & Richter, J. (2012, April). The buffering effect of social support between domestic violence and self-esteem in pregnant women in Tehran, Iran. *Journal of Family Violence*, 27(3), 225-231.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante. In: Trabalhos do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise. Recuperado em 05 de julho, 2013, de <http://serefazer.psc.br/narrativas-o-gesto-do-sonhador-brincante/>